

Assó a considerar as diversas camadas da conversação que nos determinam e tomam a conversação primária, aquilo que chamei de "família" na última aula, como ponto de partida. Definirei a família como segue: é ela a conversação dentro da qual fui lançado e distingue-se de todas as demais conversações das quais partícipo pela falta total de escolha da minha parte. Em outras palavras: a família no seio da qual me encontro ao nascer consiste de outros que me foram impostos e tem estrutura dentro da qual sou forçado a enquadrar-me. Medicarei a presente aula a discussão desta situação primária e ao fato de ela encontrar-se atualmente em crise.

Dada a estreiteza da situação familiar são os laços que unem os seus parceiros carregados de emoção, o que dificulta uma tomada de distância irônica a partir da qual a situação deve ser superada. No entanto as ciências nos oferecem diversos pontos de vista objetivizantes. Discutirei rapidamente alguns entre esses pontos de vista, antes de tentar uma análise existencial da situação em pauta. Chamarei o primeiro ponto de vista de "histórico" e darei o seguinte esboço: A família é um fenômeno social que resulta de um processo histórico e sua estrutura pode ser estudada ao longo desse processo. O esquema é aproximadamente o seguinte: os primatas, nesses parentes mais próximos de um ponto de vista biológico, vivem organizados em hordas. Um macho velho vive cercado de diversas fêmeas com sua cria e no horizonte dessa situação existem os machos mais novos que esperam pela morte do velho para disputar o centro. As fêmeas que cercam o velho são biologicamente sua mãe, suas tias, suas irmãs e suas filhas. Ele possui todas, e defende essa posse contra os seus filhos, e conquistou essa posse ao ter matado seu pai ou seu tio, e ao ter lutado contra suas irmãs para assumir o governo da horda. Esta seria a forma primordial da família humana, e seu projeto, e as formas evoluídas no curso da história seriam realizações desse projeto. É óbvio que a horda é uma organização relativamente complexa. As fêmeas com os seus filhos menores formam círculos dentro da "Gestalt" geral, e os machos que cercam a horda formam a sua beira. Esta forma de família teria prevalecido durante toda essa época majestosamente longa na qual o homem era caçador e colecionador de frutas silvestres. Com o advento da domesticação de animais e plantas o núcleo "fêmea:cria" teria assumido uma importância maior, e teria surgido o assim chamado "matriarcado". A plantação, que doravante formava o sustento da família, estava ao cargo das fêmeas com os seus filhos menores, e o governo do grupo todo era exercido de uma forma menos imediata pelo macho que passava a ser viverciado como tio materno. Dado este afrouxamento de governo, diminuía a rivalidade entre os machos, e esta diminuição era também condicionada pela participação na criação de animais, empresa até certo ponto coletiva. Esta época do matriarcado, que mede aproximadamente entre o vigésimo e o quinto milênio antes de Cristo, seria a época da plantação, portanto do pensamento mítico tende a Terra, a Grande Mãe, por centro. O surto populacional que se seguiu à essa agricultura primitiva, pressionava em direção de uma agricultura mais intensa, isto é uma agricultura às beiras dos grandes rios. Estes rios subtropicais, com suas margens pantanosas, ofereciam, quando canalizados, possibilidades para colheitas mais seguras e abundantes, e assim teriam surgido as primeiras culturas. Mas esta canalização dos rios exigia uma reformulação da organização familiar em moldes mais centralizados, chamados "patriarcado". O macho velho reassumia a sua posição central, mas desta vez engobando os machos novos. Distribuiu hierarquicamente as

fêmeas, criando assim famílias subalternas, e reservava para si mesmo o poder central de supermacho, na forma do rei-sacerdote. Assim teria surgido a cidade e o estado. "Essa organização hierárquica da família foram suprimidas violentamente os desejos rebeldes dos machos mais novos pela distribuição das fêmeas, e foi criado o ambiente para a canalização coletiva dos rios, que por sua vez deu a origem à ciência e à tecnologia. Esta época mede aproximadamente do quinto milênio antes de Cristo até o século 19 depois de Cristo e é caracterizada pelo pensamento urânico, no qual o Pai Atérno, o Pai Celeste, forma o centro do mito que se desenvolve em religiosidade. A revolução industrial, equivalente em impacto à domesticação de plantas e à canalização de rios, exigiria uma nova reformulação da família, com conseqüente reformulação do pensamento, e este processo estaria atualmente em curso. Este é aproximadamente o modelo da família que a história nos fornece.

o segundo ponto de vista a ser discutido é o da psicologia. Ele concorda em linhas gerais com o histórico, e isto não surpreende, já que se trata de um ponto de vista semelhante, isto é objetivizante. Ao nascer, isto é ao ser lançado no círculo familiar, venho carregado de toda a minha herança histórica que está guardada no meu íntimo chamado "psique". Eu sou macho, é meu projeto possuir todas as fêmeas, inclusive, obviamente, minha mãe, que é a fêmea mais próxima, e procure posu-las em luta contra todos os outros machos, e principalmente em luta contra o meu pai, que é o macho velho da horda. De seu fêmea, é meu projeto oferecer-me ao macho dominante, isto é a meu pai, e proteger a minha cria. Este meu projeto é, no entanto, frustrado pela organização historicamente evoluída da família na qual me encontro. O meu projeto se chama "libido" e minha frustração se chama "inibição", e existo em função do jogo entre essas duas forças. Posso chamar "libido" de "natureza", e "inibição" de "cultura". A família é pois a situação na qual a minha natureza é transformada em cultura pela imposição da estrutura historicamente condicionada. Vivencio a cultura como um desvirtuamento da natureza, como neurose. Na medida na qual consigo transformar a pressão da cultura sobre a natureza, na qual consigo sublimar os meus desejos reprimidos, participe ativamente da cultura. Na medida na qual permite que estes desejos reprimidos invadam o meu comportamento na sua forma original e a histórica, alieno-me da história e sou candidato à loucura. A estrutura historicamente condicionada da história é pois a norma da sanidade, e neste sentido a norma do meu comportamento. No seu jogo dialético "natureza:cultura" é ela a situação determinante.

O terceiro ponto de vista que levantarei brevemente focaliza a família mais de perto, isto é a família dos últimos dezenios, e é o ponto de vista da sociologia. Vista assim, ela se afigura como uma estrutura evoluída pelo capitalismo. É ela uma empresa destinada a perpetuar a posse de bens de produção pela herança. A sua meta é manter subjugada a maioria da humanidade. Dada esta função profana e altamente material da família, é ela rodeada por ideologias que consistem de preconceitos burgueses. A relação entre pai e mãe, e entre pais e filhos, é romantizada e imersa em clima religioso, para mascarar a sua estrutura econômica e moralmente reprimível. Uma forma inocua de família, uma família-cópia, é imposta sobre o proletariado, embora nessa camada social não tenha ela função nenhuma. Este é feito para manter o proletariado mais submisso e mais facilmente manejável. Assim a burguesia se engana a si mesma pela romantização da família, e engana o proletariado ao força-lo de aceitar os seus valores falsos. Com a superação do capitalismo se

ná superada também a família, e será substituída por outra organi ação social por ora inimaginável, mas talvez intuível nos Estados Unidos pela televisão e pelo baby-sitter. Escolhi, neste exemplo de um modelo da família, propositadamente a sociologia marxista, para mostrar o quanto é desexistencializante todo modelo objetivizante.

Ados estes modelos, (e outros poderiam ter sido escolhidos), e postos estes modos em parentese fenomenológica, passo a analisar a família tal como ela se me dá no instante de meu encontro consigo mesmo. É óbvio que o ambiente de qual partilhei será altamente autobiográfico, já que uma análise existencial é sempre subjetiva. Mas isto não impede que seja também significativo para os meus parceiros, já que uma análise existencial, para ser interessante, deve ser sempre intersubjetiva. Encontro-me lançado fundamentalmente contra um único parceiro, um único "tu" com o qual estou em dialogo significativo. Este parceiro é minha mãe, e as informações que dela recebo são fundamentalmente todas as informações que tenho. O mundo vem filtrado por minha mãe, e ela é, por assim dizer, a minha categoria. Também pela minha mãe que me comunico com o mundo. Ela é portanto a um tempo a fonte da minha realidade e aquilo que se interpõe entre mim e a realidade. Se eu pudesse penetrar introspectivamente até esta situação primordial que estou tentando articular, encontraria as fontes de todo o meu condicionamento. Mas a tarefa é dificultada pelas camadas de conversação que se introduziram posteriormente. De toda forma posso dizer que a mãe como ponto referencial do meu estar no mundo é o núcleo do outro em dois sentidos: ela revela e ela inibe. Em outras palavras: a mãe contra a qual estou lançado é a possibilidade das minhas realizações e é o meu limite. O meu projeto é libertar-me da minha mãe, mas é um projeto ambivalente. É óbvio que a libertação da mãe seria a liberdade absoluta, no sentido de ser a remoção de todos os obstáculos que me condicionam. Estaria, nessa situação extrema, como que diante de uma paisagem aberta. Mas é igualmente óbvio que a libertação da mãe seria o absurdo totalmente realizado, no sentido de ser a remoção de todo significado. Estaria, nessa situação extrema, como que lançado contra o nada. De certa forma podemos descrever o trajeto da existência como uma superação progressiva da mãe tendo por meta o nada. Gestaria, se for possível, despsicologizar estas observações ao máximo, para dar-lhes um cunho filosófico e talvez religioso. A mãe é o núcleo do outro e neste sentido o véu de de tudo diferente. A superação da mãe é a busca da fé e a perda de fé progressiva. A realização humana é a afirmação do corte da corda umbilical, mas essa corda não nos une apenas biologicamente ao corpo da mãe, mas ontologicamente ao conjunto da situação na qual nos encontramos. É por isto que podemos dizer que mesmo em sua tentativa de superar a sua situação é um ser paradoxo.

Considerem por um instante o aspecto emocional deste empreendimento. Trata-se com efeito de diluir a emoção pelo aumento da conversação, para poder superá-la. Na situação primordial todas as minhas emoções estão na ligação com a mãe e isto tem um efeito duplo: estou imerso nessa relação e portanto abrigado. A estou imerso na relação e portanto não existe autenticamente. Na medida na qual diluo a carga emocional dessa relação pelo estabelecimento de outras conversações desabriço-me e torno-me mais aberto. A diluição da emoção, que é a entropia da minha relação com a mãe, é uma libertação que tem por meta a morte do coração no sentido pascaliano. No fundo é a libertação da mãe uma libertação das emoções em prol do intelecto. A e intelecto é o método da tristeza.

Considerem agora o aspecto moral deste processo. Com a ampliação da minha conversação, com a inclusão nela de outros, tran. firo parte da minha ligação materna, isto é parte das minhas articulações e responsabilidades, para estes outros. Mas faço-o de maneira diluída. Quanto mais extensa se torna a minha rede de conversação, quanto mais amplos se tornam os meus amores e ódios, e as minhas responsabilidades, tanto mais vazias existencialmente se tornam. A meta é a diluição total e portanto o amoralismo.

Considerem, por fim, o aspecto epistemológico deste processo - ampliação da conversação introduz um elemento da dúvida na minha situação, já que as articulações maternas passam a ser contestadas. Quando Descartes diz que é preciso de duvidar de tudo, e quando identifica dúvida com pensamento, é a esta situação que está aludindo. No diálogo exclusivo com a mãe, nessa situação primordial, não há lugar para a dúvida, já que existe uma única fonte de informação incontestável. Na multiplicação das fontes de informação, que é o aspecto epistemológico da libertação da mãe, reside o berço do pensamento com todos os seus problemas. O recurso de Descartes para uma ajuda divina na adequação do pensamento à coisa é, em última análise, o recurso ao diálogo materno. A meta da libertação da mãe é o ceticismo.

O pensamento existencial da atualidade pode ser interpretado como a tentativa de superar o diálogo materno definitivamente. A busca de autenticidade é a tentativa de romper o cordão umbilical que nos une aquilo que nos lançou para cá sem nos ter consultado. A sensação do absurdo é a consequência dessa ruptura. O engajamento é a tentativa desesperada de recaptar esse cordão para não se alienar da realidade. A situação primária, que é o diálogo com a mãe, continua, no fundo, e núcleo da situação que somos chamados a superar pela honestidade, para afirmarmos nos como seres livres, e continua, também, como situação insuperável, dada a nossa condição humana. A morte, que é a meta desse nosso empenho todo, é a volta para o horizonte dessa situação primordial, que é o colo materno. O nosso empenho desesperado em prol da imortalidade é simplesmente, a tentativa de negar a situação primordial na qual nos encontramos ao sermos lançados para cá e condicionados pela situação primitiva. Esta é, creio, a situação humana.

Se a minha análise tiver qualquer validade, e se evocar acordos de simpatia nos senhores, torna-se óbvio o quanto são impertinentes os modelos da família que mencionei no início desta aula. Simplesmente não tocam o problema. Introduzem na discussão do problema da família elementos trazidos por conversações posteriores com o fim inconsciente, e inconsciente, de diluir a dramaticidade da situação inicial em conversa fiada. - herda arquetípica, o complexo de Édipo, e a organização econômica da família são momentos objetivizantes da minha situação, mas não dizem respeito à minha decisão a ser tomada. Nada explica, por exemplo, uma análise psicológica da minha situação familiar, já que erra de alvo. Trata-se de uma situação que contém in nuce todos os meus problemas vivenciais, filosóficos e religiosos, e a sua diluição na psicologia consegue apenas berrar esses problemas. Acho que considerações como estas tendem a demonstrar as limitações da ciência com método de superação da situação, e limitam o interesse pela ciência como um todo. São considerações como estas que talvez apontam o horizonte de um novo interesse, de uma nova cultura.

Mas é claro que limitei a situação inicial, ao simplificá-la na ligação do diálogo materno. Há, logo no início, outros. Se simplifiquei a situação, foi para torná-la pelo menos parcialmente transparente. Considerem as incursões do pai na con

versação primitiva, e verificarão que a complexidade da estrutura da conversação é já um elemento da situação primitiva. Ao encontrar-me, encontro-me sempre em rede conversacional, e o diálogo é apenas um aspecto destacado dessa rede. A família é o nome que dou à estrutura complexa da conversação primitiva. Nessa estrutura predomina, do meu ponto de vista, a ligação que me une à mãe, e as demais ligações são, para mim, ramificações que partem desse eixo. Mas verificarei cedo que este aspecto da família é subjetivo e egocêntrico e que todos os participantes da situação familiar são outros tantos aspectos subjetivos. Com efeito, verificarei cedo que a conversação consiste de ligações que se cruzam em pontos de vista, e que o termo "outro" significa "um outro ponto de vista excêntrico em relação ao meu". Em outras palavras: a conversação é uma rede de sentenças que se refletem em pontos de vista, e um dentre eles sou eu. Este é, a meu ver, o único significado existencialmente válido do conceito "eu". Na situação primitiva eu sou um ponto de vista no qual a família se reflete. Neste sentido eu sou o sujeito da família, e a família é o meu objeto. Mas é igualmente óbvio que a minha função na família não é apenas reflexiva. Como sujeito articulo-me para dentro da família e assim modifico a sua estrutura. A família não é apenas o mundo que se reflete em mim e por mim, mas é ainda o mundo dentro do qual me reflito. São considerações desta ordem que revelam a ambivalência do meu estar no mundo.

Esta ambivalência, que a filosofia denomina com os termos "pensamento" e "ação", não adquirem ainda, na situação familiar, a virulência que as caracterizará quando a situação se tiver expandido. Isto porque a situação familiar é compacta e me abriga. A reflexão e a articulação, o pensamento e a ação, são ainda de difícil distinção, porque os outros são muito próximos e intimamente a mim ligados. Dada essa proximidade e intimidade dos parceiros na situação familiar é evitado um autêntico ensinamento, e o pensamento, antes de interiorizar-se, já se articula. Na situação familiar não chego a cristalizar-me em eu autêntico, dada a proximidade dos outros. O meu ponto de vista se confunde, de certa maneira, com os pontos de vista dos outros. O que resulta disto é uma espécie de eu coletivo. A família é para mim, dada a proximidade dos outros, uma espécie de eu. Podemos observar este estado de semi-consciência nos chamados povos primitivos, nos quais a consciência tribal ofusca a consciência do eu. Normalmente podemos dizer que na situação familiar a conversação se exterioriza a tal ponto que a reflexão passa a ser imediatamente articulada, e que evita a formação de eus desta espécie. Uma consequência disto é a confusão de ação e pensamento. A minha tentativa de libertar-me da situação familiar é portanto a procura de um espaço livre no qual eu possa ensinarme-me. É em procura da solidão que me oponho à família, de uma solidão na qual eu possa tornar-me eu mesmo.

Observem o problema que surgiu. A libertação da família é conseguida pela ampliação da conversação, pelo inclusão nela de mais outros. A meta dessa ampliação é a solidão que permite ensinarme-me. O problema pode assim ser formulado: na medida na qual aumento os meus parceiros de conversação, nessa medida me torno mais solitário e relegado sobre mim mesmo. A ampliação da conversação estende e afrouxa a sua rede e permite que o nada se infiltre por suas malhas. A conversação ampliada é invadida pelo silêncio do nada, e é em procura desse silêncio que abandono a situação familiar compacta. Podemos portanto definir a família como uma conversação densa, na qual o silêncio é reduzido a um mínimo, situação que

torna impossível o ensinamento. É por isto que na situação familiar estou abrigado. Não posso encontrar-me a mim mesmo. Sou portanto abrigado de mim mesmo. A família não me protege do mundo, porque mundo e família são sinónimos neste estágio do meu projeto. Mas a família me protege de mim mesmo. Todos os meus problemas são compartilhados pelos outros, e não são, portanto, autenticamente meus problemas. A superação da situação familiar é o encontro consigo mesmo, e neste sentido é o encontro com a minha morte.

Notem os senhores que a análise perfunctória da família que procurei elaborar passa nos seus fundamentos. Era empreendida por quem já superou parcialmente a situação analisada e encontra-se parcialmente do lado de fora. Mas este defeito é inevitável. Quem está integrado na situação e abarcado e abrigado por ela, não dispõe da distância suficiente para analisá-la. O que acabo de dizer portanto com respeito a família refere-se, a rigor, a família superada, e está banhado no clima da saudade. De certa forma podemos dizer que a família é o nosso paraíso perdido e que todas as nossas tentativas de voltar para ela são sintomas de inautenticidade.

Uma palavra de cautela: quando falo em família, tenho em mente aquela situação na qual me encontro ao nascer, isto é ao estar sendo jogado no mundo. Não me refiro aquela outra situação, também chamada de família, que ajudo a criar ao decorrer do meu projeto. Esta forma, creio, um problema existencial a parte, e lamento não poder tratar dele dada a exiguidade do presente curso. Uma diferença no entanto é óbvia, e repito esta diferença: a família no segundo significado de termo é parcialmente resultado da minha escolha. É por isto que nessa situação estou mais livre e menos abrigado que na outra. No entanto sabemos que a família no segundo significado do termo é uma espécie de substituição da primeira e que Kafka, por exemplo, quem conheceu bem a sensação do desabrigo, considerava o casamento a meta suprema da vida.

Misere, no começo desta aula, que a família está em crise. As proporções que esta exposição assumiu, proibem que considere este aspecto. Dedicarei portanto a próxima aula a discussão desse problema.